

## **CRISTIANISMO FRAGMENTADO**

*Foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, foram chamados de cristãos (At 11,25).*

*Desde então apareceram, no inextricável entrelaçado da história, cristãos que entregaram seu corpo às chamas, que viviam no deserto, que evangelizaram soldados romanos, e outros que se tornaram funcionários no Império constantiniano; cristãos que abraçaram a pobreza voluntária, e outros que conquistaram a Terra Santa e as Índias orientais e ocidentais, ou que introduziram os escravos africanos nas terras da América; cristãos que sofreram nos campos de concentração ou se engajaram com risco de vida na revolução das classes populares, e outros que a reprimiram com as mais cruéis torturas...*

*E hoje se encontram cristãos que selecionam das doutrinas oficiais de suas respectivas igrejas o que condiz com suas convicções pessoais, ou simplesmente o que lhes convém. Uns aceitam a orientação moral em prol dos pobres, mas rejeitam os dogmas e a moral sexual; outros gostam das celebrações, quanto mais festivas, melhor, mas pouco se importam com as exigências da justiça; outros ainda assumem parcelas da simbologia e da linguagem cristãs ao lado de elementos de outras proveniências, formando sua própria constelação religiosa. Para não falar do esfacelamento dos cristãos num grande número de igrejas hierarquicamente estruturadas e num sem-número de comunidades informais e de agrupamentos chamados de seitas.*

*Um cristianismo fragmentado. Num duplo sentido: os cristãos se encontram divididos, e o patrimônio cristão dilui-se no nosso universo cultural. Há cristianismo na atitude de certos militantes sociais que, no entanto, não são cristãos praticantes. Há cristianismo nos artistas que admiram e divulgam S. Francisco de Assis e o canto gregoriano, sem acolher nenhuma das normas da Igreja. Nos ecologistas que tentam reavivar os cultos da religiosidade arcaica. Nos misticismos pós-modernos...*

*A Igreja — como outras instituições — perde sua força aglutinadora. Sociologicamente assistimos a uma privatização dos elementos religiosos,*

que se tornam objetos de curiosidade ou de enriquecimento e satisfação da subjetividade. Teologicamente isso revela a perda do valor objetivo do elemento religioso. Para muitos, o cristianismo deixou de ser a expressão de um valor absoluto, de uma voz transcendente. É a imanentização total. Na modernidade, a experiência subjetiva e a verificação pela razão crítica, nem sempre em uníssono, ditavam o comportamento religioso. A pós-modernidade questiona a razão iluminista e reforça a prioridade da experiência subjetiva, mas isso pouco muda quanto à abertura para a verdadeira transcendência. Por isso, o cristianismo não deve esperar muito da pós-moderna "volta ao religioso".

A esta objetivação — mesmo no subjetivismo — do religioso no nível pessoal acrescenta-se sua objetivação no nível da comunicação. Os símbolos religiosos não estão mais ligados ao seu ambiente de origem. Tornam-se produtos de comunicação universal e comercializada, um supermercado de religião. O psicólogo se reveste da imagem do guru, empresas trabalham com métodos de adesão religiosa... Paradoxalmente, os fundamentalismos são absorvidos pelo mesmo mecanismo. Em vez de ser monumentos de granito de uma transcendência inabalável, tornam-se curiosidades na feira da religião. O "infinito" enquanto dura. O que segura a fé é o gosto circunstancial, não o compromisso inalienável com uma realidade que se caracterize pela transcendência e a exterioridade (no sentido de Lévinas). Até as pessoas mais convencidas na sua dedicação religiosa tornam-se objetos industrializados e comercializados pela mídia: o Papa, Madre Teresa, Irmã Dulce, o Frei Damião na campanha presidencial de Fernando Collor...

Cabe perguntar até que ponto certas atitudes da Igreja Católica — no nosso caso — têm contribuído para esse barateamento do transcendente. Por um demasiado centramento em si mesma, a Igreja pode ter ofuscado a imagem de Deus que ela deveria apresentar. Em vez de serem dispensadores do Mistério, seus representantes se tornaram propagandistas da própria instituição (como estrutura instituída). O que não pouco contribuiu para um autoritarismo, por vezes com aparências modernizantes, que ou afasta ou infantiliza os fiéis.

Até certo ponto, a "irreverente veneração" que se manifesta na religiosidade difusa tem seu lado positivo. Relativiza. Torna-se sempre mais difícil impor rigidamente determinados modelos e estruturas religiosas. Do lado da sociedade impõe-se, no entanto, ferreamente, a ditadura do consumo e da propaganda, talvez mais religiosamente aceita do que a própria religião.

O ganho é, por enquanto, pequeno em relação à perda.

Está na hora de voltar à raiz, à experiência fundamental de perceber e aceitar a prática de Jesus de Nazaré como referência absoluta e inegociável da vida. Ora, tal experiência de adesão e assimilação se realiza na comunidade que nasceu para dar corpo e espaço a uma prática nunca meramente individual, porque ela se chama amor e comunhão. Essa volta à raiz nunca poderá dispensar a razão, parâmetro da coerência interior da

*existência e da compreensão do mundo e, portanto, de qualquer convicção duradoura. Uma razão, porém, que supere o cartesianismo. Uma razão ampliada, sensível às intuições e intencionalidades pré-reflexivas, porém racionais, que orientam a nossa vida. Só esta "razão simbólica" (Codina) é capaz de mostrar a "razoabilidade", o não-absurdo ou a não-insignificância de uma adesão de todo o ser humano a uma manifestação do Absoluto que nunca pode ser verificado empírica e criticamente. Uma fé de opção firme e radical, cujo critério imanente estará nos frutos produzidos dentro da categoria que nosso senso ético chama de "bem". Tal fé não dispensa a filosofia, o pensar, não é mero sentimento. Mas supõe um pensar verdadeiramente respeitoso, aberto ao Outro, que sempre nos surpreende, e não apenas às afirmações do próprio Eu da subjetividade "egológica".*